

**PRODUTO TECNOLÓGICO VINCULADO AO MESTRADO PROFISSIONAL  
EM DIVERSIDADE E INCLUSÃO (CMPDI) DA UNIVERSIDADE FEDERAL  
FLUMINENSE**

**AUTORES: HÉLIO FERREIRA PINTO FILHO (MESTRANDO); SUELEN  
ADRIANI MARQUES (ORIENTADORA).**

**PROPOSTA: ROTEIRIZAÇÃO DE ATIVIDADE DE ENSINO EM FILOSOFIA  
NA AFRO-PERSPECTIVIDADE EM AMBIENTE FORMAL, CONSTRUÇÃO DO  
POCKET SHOW**

**CONTEXTUALIZAÇÃO:** A partir das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena passa a ser obrigatório, e o cenário de implementação dos conteúdos africanos, afro-brasileiros e indígenas no currículo do ensino fundamental e do ensino médio em todas as disciplinas apresenta algumas tensões.

A necessidade da implementação desta temática, vem de encontro ao despreparo dos docentes em relação a esse conteúdo, a dificuldade de alinhamento e abordagem das disciplinas com a temática, e aos preconceitos/ignorância/racismo epistemológico na sociedade em geral e no microcosmo escolar.

As pesquisas são baseadas em diversas fontes, que confirmam que os textos africanos são anteriores aos ocidentais. Há registros escritos dos séculos XIV, XV e XVI e vasto material egípcio de 2780 até 330 antes da Era Comum, que podem ser usados e referenciados para discutir a filosofia universal hegemonicamente grega, para uma filosofia pluriversalista em afroperspectividade. Os egípcios também tem registros das escolas de *rekhmet*, termo que, segundo o egiptólogo e filósofo Théophile Obenga, significa “Filosofia”. Não há dúvida de que Platão, Pitágoras e Tales de Mileto, dentre outros gregos, passaram algum tempo no Antigo Egito. Diversas fontes convergem para a tese de que Pitágoras (570-496 A.E.C) foi o primeiro a usar o termo “Filosofia” depois de retornar do Egito.

Mogobe Ramose explica como os conflitos geopolíticos entre europeus e africanos foram responsáveis pela invisibilidade sistemática do pensamento filosófico africano. E por conta do racismo antinegro, foi apagado o fato de que o Egito antigo era uma sociedade negra, muito avançada tecnologicamente naquele momento histórico.

A Filosofia em afroperspectividade pode ser um exercício de descolonização e recolonização de um pensamento hegemônico para um que seja marginal, antidogmático e em pluriversalidade, que declara independência e autonomia. Numa sociedade racista que apresenta dados alarmantes de violência urbana em que as principais vítimas são jovens negras e negros, filosofar pode ajudar a repensar o cenário político e social, o racismo, a violência, e repensar o território cultural, e a construção do Brasil que está porvir, construindo identidade e cidadania.

**METODOLOGIA:** O pluriverso cultural africano é vasto e a tradição oral e as narrativas estão na base dos modos de pensar e agir, e definem a nossa percepção de vida como um fenômeno narrativo. Desta forma, trabalhar os conceitos através de reflexões narrativas e com metodologia de roda, usando a livre expressão, canto, conto, poesia, corporalidade, aproximando do repertório cultural da população alvo trabalhada, pode ser extremamente relevante para a construção coletiva, reconhecimento cultural, descolonização e recolonização.

O Pocket Show pode envolver oficinas de letras e ritmos, para que o público desenvolva uma temática específica e construa, sempre tentando trabalhar as narrativas no coletivo. Adicionalmente, um outro grupo pode trabalhar com recursos audiovisuais, e construir o cenário, ou a forma de expressão que se adequa ao contexto trabalhado.

Em relação à temática para a construção do Pocket Show, pode-se desenvolver um conceito filosófico, um contexto/momento histórico, uma construção linguística, ou mesmo uma reflexão sobre a realidade social atual dos envolvidos diante dos conceitos.

### **SUGESTÃO DE TÓPICOS A SEREM TRABALHADOS NA FILOSOFIA AFROPERSPECTIVISTA:**

- a) Os 3 eixos referenciais que fundamentam a Filosofia afroperspectivista: 1ª) Afrocentricidade; 2ª) Quilombismo; 3ª) Perspectivismo ameríndio. Baseados em textos de Molefi Asante, Abdias do Nascimento e Eduardo Viveiros de Castro, respectivamente.
- b) Reflexão crítica sobre o termo “Ameríndio”, discutindo o termo Abya Yala que na língua do povo Kuna significa “Terra madura”, “Terra Viva” ou “Terra em florescimento”, como sinônimo de América, e contrapondo ao termo “Ameríndio”.
- c) A relação entre o devir-criança e a infância em afroperspectiva.
- d) O conhecimento do *Nguzo Saba* formulado por Maulana Karenga, baseado nos sete princípios éticos que ajudam a organizar e orientar a vida: Umoja (unidade, empenhar-se pela comunidade); Kujichagulia (autodeterminação, definir a nós mesmos e falar por nós); Ujima (trabalho e responsabilidade coletivos, construir e unir a comunidade, perceber como nossos, os problemas dos outros e resolvê-los em conjunto); Ujamaa (economia cooperativa, interdependência financeira, recursos compartilhados); Nia (propósito, transformar em vocação coletiva a construção e o desenvolvimento da comunidade de modo harmônico); Kuumba (criatividade, trabalhar para que a comunidade se torne mais bela do que quando foi herdada); e Irani (fé, acreditar em nossas(os) mestres).
- e) Refletir sobre o conceito de amor como um projeto espiritual e comunitário que serve para manter a sanidade individual e deve contar com o apoio de uma comunidade para ser preservado, como proposto por Sobonfu Somé.
- f) Refletir sobre os conceitos de tempo e *odara* dentro *itan* [verso] iorubá. A discussão sobre a compreensão dos conceitos de tempo dentro do *itan* iorubá que diz: “Bara matou um pássaro ontem com a pedra que arremessou hoje”. Trabalhar com a definição do tempo não evolutivo, que tampouco se contrai ou pode ser tomado, como um círculo ou uma linha reta. Este *itan*, de modo simples, diz que o passado é definido pelo presente e o futuro é um conjunto de encruzilhadas, isto é, destinos (*odu*). E da perspectiva do conceito de *odara*, como crivo de validade de um argumento, entendendo *odara* como *bom*, na língua ioruba, uma espécie de bálsamo de revitalização existencial.
- g) Promover a discussão sobre a criação do mundo em perspectiva afrocentrada, e sobre seus atores, visitando outra epistemologia.

Há inúmeros outros tópicos a serem contemplados, assim como outros teóricos que podem ser trabalhados. Sugerimos abaixo alguns autores para referenciais teóricos: Cheikh Anta Diop; Dismas Massolo; Felwine Sarr; George Granville Monah James; Molefi Kete Asante; Angela Davis; Maulana Karenga; Sobonfu Somé; Martin Bernal;

Theóphile Obenga; Marimba Ani; Nkolo Foé; Mogobe Ramose; José Nunes Carreira; Renato Nogueira; Tania Stolze Lima; Eduardo Viveiros de Castro.

#### BIBLIOGRAFIA:

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: introdução a uma ideia. 2016.

ASANTE, Molefi Kete. A ideia afrocêntrica em educação. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE)**, n. 31, p. 136-148, 2019.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, v. 2, p. 115-144, 1996.

DE SOUZA, Alisson Ramos. O perspectivismo (ameríndio) não é um humanismo. **Revista Ágora Filosófica**, v. 23, n. 2, p. 102-119, 2023.

DIAKITÉ, Baba Wagué. O dom da infância: memórias de um garoto africano. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Edições SM, 2012.

DO NASCIMENTO, Wanderson Flor. Entre apostas e heranças: contornos africanos e afro-brasileiros na educação e no ensino de filosofia no Brasil. 2020.

DOS SANTOS JUNIOR, Renato Nogueira. Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocentrado. 2010.

DUARTE, Valter. A Afrocentricidade e seus desafios. **Prometheus-Journal of Philosophy**, n. 32, 2020.

LOPES, Nei. Sambeabá: o samba que não se aprende na escola. Rio de Janeiro: Casa da Palavra/Folha Seca, 2003.

MORAIS, Marcele. Corpo e Gênero a partir do perspectivismo e multinaturalismo ameríndio. **ACENO-Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, v. 8, n. 16, p.72.

Moura, Roberta. Tia Ciata e a pequena África do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Funarte, 1995.

NASCIMENTO, Abdias do. *O Quilombismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1980.

NASCIMENTO, Abdias do. O negro revoltado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

NASCIMENTO, E. L. O olhar afrocentrado: introdução a uma abordagem polêmica. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

NOGUEIRA, Renato. Denegrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas. **Griot: Revista de Filosofia**, v. 4, n. 2, p. 1-19, 2011.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a educação:: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE)**, n. 18, p. 62-73, 2012.

NOGUERA, Renato. O poder da infância: espiritualidade e política em afroperspectiva. **Momento-Diálogos em Educação**, v. 28, n. 1, p. 127-142, 2019. NOGUERA, Renato. Cidade ou Aldeia? Trabalho ou Brincadeira?. *Cosmos & Contextos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 15, p. 24-42, 2017.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. Selo Negro, 2013.

NOGUERA, Renato. Ensino de filosofia e a lei 10639. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2014.

NOGUERA, Renato; DUARTE, Valter; DOS SANTOS RIBEIRO, Marcelo. Afroperspectividade no ensino de filosofia: possibilidades da Lei 10.639/03 diante do desinteresse e do racismo epistêmico. **O que nos faz pensar**, v. 28, n. 45, p. 434-451, 2019.

NOGUERA, Renato. INFÂNCIA EM AFROPERSPECTIVA: ARTICULAÇÕES ENTRE SANKOFA, NDAW E TERRIXISTIR. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE)**, n. 31, p. 53-70, 2019.

Texto conceito de Abya ayla:  
<https://web.archive.org/web/20201208185040/http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/a/abya-yala>

SÁEZ, Oscar Calavia. Do perspectivismo ameríndio ao índio real. **Campos**, v. 13, n. 2, p. 7-23, 2012.

SILVA, Wallace Lopes (Org.). *Sambo, logo penso: afroperspectivas filosóficas para pensar o samba*. Rio de Janeiro: Hexis /Fundação Biblioteca Nacional, 2015

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multi-naturalismo na América indígena. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**, p. 345-399, 2002

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. O que nos faz pensar, 18, setembro de 2004. (Texto principal)